

Dívida das famílias atinge o maior nível dos últimos 12 anos

Índice de Desconforto de Crédito (IDC) da FGV EAESP mede pressão do crédito sobre o orçamento

Um estudo do Centro de Estudos de Microfinanças e Inclusão Financeira da Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgado na semana passada analisa o comportamento do crédito das famílias brasileiras por meio do Índice de Desconforto de Crédito (IDC).

O indicador foi construído com base em séries mensais do Sistema Gerenciador de Séries Temporais do Banco Central do Brasil e acompanha a relação entre crédito e orçamento das famílias ao longo do tempo. A série histórica começou em janeiro de 2014.

Sobre o índice

O IDC é formado por três componentes. O primeiro é o comprometimento de renda com dívidas, que mostra quanto da renda mensal das famílias é usado para pagar empréstimos e financiamentos. O segundo é a inadimplência, que mede os atrasos no pagamento dessas dívidas. O terceiro é a qualidade do crédito, que considera o

tipo de empréstimo usado pelas famílias, com mais peso para modalidades mais caras, como cartão de crédito rotativo e empréstimos pessoais não consignados. Depois de reunir esses três elementos, o índice transforma os dados em uma escala comum e calcula um valor único pela média simples entre eles.

A metodologia do IDC usa dados mensais do Banco Central. Antes de formar o índice, cada um dos três componentes é ajustado para ficar em uma mesma escala de comparação. Depois disso, o resultado final é obtido pela média simples entre comprometimento de renda, inadimplência e qualidade do crédito. Cada um desses fatores tem o mesmo peso no cálculo.

Histórico

Na série histórica, o menor nível do IDC aparece durante a pandemia. O indicador chega a 0,02, que é o menor valor registrado no período analisado. Nesse momento, houve queda ao mesmo tempo



Índice de Desconforto de Crédito (IDC) atingiu o maior nível da série histórica

no comprometimento de renda, na inadimplência e no uso de crédito mais caro, o que explica o nível mais baixo do índice.

Depois da pandemia, o IDC passa a subir de forma mais forte. O indicador alcança 0,9, que corresponde a 90% do maior nível já observado na série histórica. Esse aumento acontece porque as famílias passam a comprometer mais renda com dívidas, a inadimplência cresce e aumenta o uso de modalidades de crédito mais caras dentro do total contratado.

O estudo também mostra o efeito do programa Desenrola, criado em 2023 para renegociação de dívidas. Durante o período em que o programa estava em funcionamento, o IDC caiu para 0,67. Esse número fica abaixo do nível de 0,9 observado no período pós-pandemia, mas ainda acima do mínimo de 0,02 registrado na pandemia. Depois do fim do programa, em 2024, o indicador volta a subir.

Em janeiro de 2026, o IDC

atinge 0,94, que é o maior nível da série histórica desde 2014. Esse valor corresponde a 94% do ponto máximo do indicador. Ele fica acima dos 0,9 registrados no período pós-pandemia e também acima dos 0,67 observados durante o Desenrola.

Novo Desenrola

Antes da divulgação do estudo pela FGV, o governo federal criou uma segunda edição do Desenrola para ajudar famílias endividadadas a renegociar dívidas em atraso com condições facilitadas.

O programa foi instituído pela Medida Provisória nº 1.355, de 4 de maio de 2026, está vinculado ao Ministério da Fazenda e conta com a participação da Caixa. A iniciativa permite consolidar débitos em uma única operação de crédito, com juros de 1,99% ao mês, prazo de pagamento entre 12 e 48 meses e parcela mínima de R\$ 50. O programa atende pessoas físicas com renda mensal de até cinco salários

mínimos, desde que tenham contratos de crédito firmados até 31 de janeiro de 2026 e parcelas em atraso entre 91 e 720 dias.

A Caixa informou que os descontos podem chegar a 90% do valor da dívida, dependendo da análise de crédito e das regras vigentes. O objetivo do programa é reduzir o endividamento das famílias e facilitar a reorganização financeira dos consumidores.

Em entrevista coletiva, o ministro da Fazenda, Dario Durigan, informou que, até na última quinta-feira(20), mais de 1 milhão de pessoas foram beneficiadas pelo Desenrola 2.0. Foram 449 mil dívidas quitadas à vista com desconto médio de 85%, reduzindo R\$ 1 bilhão para R\$ 154 milhões. Outras 685,5 mil dívidas foram refinanciadas. No Fies, 34 mil contratos foram renegociados com desconto médio de 80%, segundo dados divulgados pelo Ministério da Fazenda.

Rodadas de negócios no ENIC 2026 devem movimentar R\$ 11,5 mi em contratos

Ruy Hizatugu/Divulgação CBIC

As rodadas de negócios realizadas durante o Encontro Internacional da Indústria da Construção (ENIC) 2026, no Distrito Anhembi, em São Paulo, reuniram importadores estrangeiros e empresas brasileiras do setor e devem movimentar cerca de US\$ 2,3 milhões (R\$ 11,5 milhões), segundo estimativa da Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil).

Ao longo de três dias (19 a 21 de maio), foram realizadas 160 reuniões entre compradores de oito países e 31 empresas brasileiras. As negociações envolveram pisos, porcelanatos, MDF, esquadrias, ferragens, tintas e utilidades domésticas, além de serviços da cadeia da construção. Parte dos contratos

foi fechada no evento e outra segue em prospecção para os próximos 12 meses.

Entre os participantes internacionais, esteve a WKM Solutions, empresa de engenharia e gestão de projetos com sede em Washington D.C. e operação no Brasil. A companhia realizou reuniões com 22 empresas brasileiras para identificar fornecedores voltados ao mercado norte-americano, incluindo pisos, metais e componentes elétricos.

Segundo a empresa, parte dos produtos ainda exige adequação a normas e certificações dos Estados Unidos. A WKM desenvolve no Brasil um projeto residencial em Valinhos (SP), usado como referência para adaptação de fornecedores ao padrão americano.



Evento da indústria da Construção aconteceu de 19 a 21 de maio

A empresa também negocia contrato de US\$ 1 milhão (R\$ 5 milhões) com a Portobello para fornecimento de pisos cerâmicos em reforma de escola pública nos EUA.

No segmento de utilidades, a Maxeb, de Jandira (SP), apresentou varais e acessórios metálicos. A empresa exporta desde 1964 e informou que 25% do faturamento vem do exterior.

Durante o evento, realizou reuniões com compradores da Argentina, Armênia e África do Sul, com negociações em diferentes estágios. A companhia afirmou buscar ampliar sua presença em novos mercados por meio de eventos setoriais.

A Maxeb também tratou com representante ligado à Leroy Merlin na África do Sul, com possível fornecimento via subsidiária local. Parte dos contatos segue em análise técnica e comercial.

A ApexBrasil e a Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), organizadoras do evento, informaram que as rodadas buscam aproximar empresas brasileiras de compradores internacionais e ampliar a inserção do setor em mercados externos.